

Imediaticidade pragmática e uso do presente do indicativo em manchetes e subtítulos jornalísticos

Caroline Soares*

Lilian Ferrari**

Resumo

Este artigo examina o uso do presente do indicativo em manchetes e subtítulos de jornais *on-line* em português, sob a perspectiva da Gramática Cognitiva. A análise tem o objetivo de investigar os mecanismos cognitivos e pragmáticos associados ao uso do presente do indicativo para referência a eventos passados, contrastando-o com usos do passado no mesmo contexto. A investigação parte da noção de imediaticidade epistêmica, referente ao presente simples em inglês (LANGACKER, 2001; 2009), expandindo-a para propor a noção de imediaticidade pragmática, relacionada à realização do ato de fala de noticiar. Essa noção permite explicar a aparente incongruência referente ao uso predominante do presente do indicativo para reportar eventos ocorridos no passado. A análise evidencia que o presente do indicativo descreve o evento de representação (o ato de dar a notícia), que é concomitante ao evento de fala, e não o fato em si. Já o uso do passado, que é menos frequente, retoma um fato já noticiado anteriormente e adiciona uma informação nova relacionada a ele.

Palavras-chave: Manchete jornalística. Subtítulo. Presente do indicativo. Estrutura conceptual. Ato de fala.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2013), Especialista em Leitura e produção de textos (2005) e em Língua portuguesa (2007) pela Universidade Federal Fluminense. <http://orcid.org/0000-0001-6994-7997>.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em Linguística pela University of Southern California, Los Angeles/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994), Pós-Doutora pela University of California, Berkeley (2006), Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia, Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística. <http://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

Pragmatic immediacy and use of the present of the indicative in journalistic headlines and subtitles

Abstract

This paper examines the use of the Present of the Indicative in headlines and subtitles of Brazilian online newspapers. The analysis is based on Cognitive Grammar, and aims at investigating the cognitive underpinnings for using the Present of the Indicative to refer to past events, contrasting it with uses of past tense. The investigation draws on the notion of epistemic immediacy, associated to the present simple in English (LANGACKER, 2001; 2009), and expands it by proposing the notion of pragmatic immediacy, related to the performance of the speech act of reporting. This notion allows to explain the apparent incongruency regarding the predominant use of the Present of the Indicative to report past events in headlines. The analysis shows that the Present of the Indicative describes the event of representation (the act of reporting), which is concomitant to the speech event, and not the fact itself. The use of past tense, which is less frequent, resumes a fact previously reported, and adds new information related to it.

Keywords: Journalistic headline. Subtitle. Present of the indicative. Conceptual structure. Speech act.

Recebido em: 02/03/2020

Aceito em: 13/07/2020

Introdução

O presente artigo investiga escolhas verbais para indicação de eventos ocorridos no passado em manchetes e subtítulos de jornais *on-line* (**O Globo**, **Jornal do Brasil**, **Estadão** e **Folha de São Paulo**), sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva e, particularmente, da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2001; 2008; 2009).

Mais especificamente, enfocamos o uso do presente do indicativo em manchetes e subtítulos, contrastando-o com usos de tempos do pretérito (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, futuro do pretérito), tendo em vista que essas duas categorias verbais correspondem às principais escolhas observadas no *corpus*.

O texto está organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentaremos os pressupostos teóricos da Gramática Cognitiva: as noções de conceptualização e de construal; em seguida, faremos uma breve revisão da proposta do arranjo de visualização especial de Langacker, para a representação de ocorrências virtuais, e das concepções cognitivistas dos atos de fala; nas seções seguintes, serão explicitadas a metodologia e a análise.

Os resultados da pesquisa demonstram que o uso do presente do indicativo nas manchetes e subtítulos de jornais *on-line* reflete processos cognitivos de natureza pragmática. Essa compreensão constitui a principal contribuição da análise, na medida em que se propõe a extensão do modelo langackeriano, baseado inicialmente no conceito de imediaticidade epistêmica, para abarcar também a noção de imediaticidade pragmática.

2 O significado como conceptualização e a noção de construal

A definição de significado na Gramática Cognitiva é baseada na noção de construal, que considera não apenas o conteúdo conceptual que uma expressão evoca, mas também o modo como esse conteúdo é construído. Ao equiparar o significado à conceptualização, Langacker (2008) propõe que a visualização de uma cena depende de nossa proximidade com o evento, da seleção que estabelecemos dos elementos mais proeminentes e do local de onde examinamos a situação. Sendo assim, a extensão do significado de uma expressão vai depender de outros fatores que ultrapassam a mera descrição da situação. Fatores como o conhecimento prévio e a apreensão do contexto físico, social e linguístico contribuem para a construção do significado, além da extensão desses fatores para incluir habilidades como a metáfora e a referência a entidades virtuais, efeitos das diversas construções mentais que extrapolam a realidade física.

Para interpretar uma determinada sentença, devemos considerar a caracterização completa de sua estrutura semântica e a descrição detalhada de seu domínio, que pode compreender experiências perceptuais, conceitos e complexos conceptuais. Os rótulos adotados por Langacker para dar conta das operações cognitivas do construal são: especificidade, focalização, proeminência e perspectiva, que se aplicam a concepções em qualquer domínio. Essa última operação cognitiva diz respeito ao ponto de vista assumido pelo conceptualizador ao perspectivar uma cena.

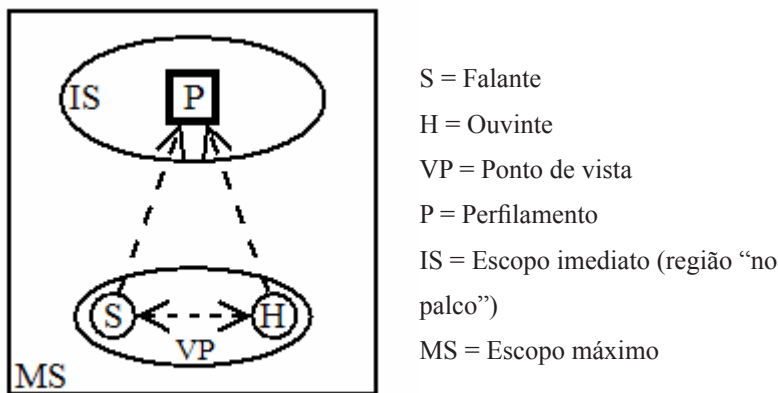
Na seção a seguir, esse conceito será aprofundado, detalhando-se a noção de arranjo de visualização, essencial para o tratamento do tempo presente em nossa análise.

2.1 A concepção do arranjo de visualização (viewing arrangement)

Como vimos, uma das operações cognitivas na qual se baseia a noção de construal é a perspectiva, o ponto de vista assumido pelo conceptualizador ao observar uma cena. De acordo com os conceitos da Gramática Cognitiva, a conceptualização diz respeito à visualização de uma cena, e o arranjo de visualização representa a relação entre os sujeitos e o objeto de conceptualização visualizado.

Langacker (2008, 2016) ressalta que a perspectiva se refere ao arranjo de visualização (tanto para a percepção quanto para a concepção). O ponto de vista está relacionado à localização do espectador, ao lugar a partir do qual uma situação é apreendida; assim, o falante e o ouvinte são considerados os sujeitos de conceptualização, enquanto a situação descrita é o objeto da conceptualização. O escopo imediato compreende o conteúdo a ser referido — metaforicamente, é a região “no palco” (*onstage*); o perfilamento de uma expressão é o foco de atenção nessa região. Vale notar que, no arranjo de visualização padrão, o falante e o ouvinte são distintos do objeto de descrição, visualizando a mesma situação que está “no palco” a partir do mesmo ponto de vista. O diagrama abaixo ilustra o arranjo de visualização apresentado pelo linguista:

**Figura 1 – Arranjo de visualização padrão proposto
por Langacker**



Fonte: Langacker (2016).

O arranjo de visualização padrão é considerado o mais comum nas interações conversacionais básicas, em que os interlocutores estão posicionados em um local fixo, a partir do qual descrevem as ocorrências reais do mundo. Esse tipo de arranjo é caracterizado como a parte essencial do substrato conceitual, que ancora o significado de uma expressão e molda a sua forma. O arranjo padrão pode ser exemplificado por sentenças básicas que descrevem situações, tais como “O livro está sobre a mesa” e “A menina leu o livro”.

Dentro dessa perspectiva, Langacker (2009, p. 192) aponta que há incompatibilidades no uso do tempo presente para referência ao momento da fala, que decorrem propriamente da interação entre o arranjo de visualização padrão e o significado do tempo presente. Na verdade, esse arranjo não dá conta do relato de eventos que não se limitam à mera observação direta e à presença física dos participantes.

Para tratar dos casos que divergem do esquema padrão, Langacker propõe um arranjo de visualização especial baseado em representações mentais de ocorrências virtuais, como será detalhado na seção a seguir.

2.2 O arranjo de visualização especial e a imediaticidade epistêmica

No capítulo “The English present: temporal coincidence vs. epistemic immediacy” (“O presente em inglês: coincidência temporal vs. imediaticidade epistêmica”), publicado no livro *Investigations in cognitive grammar*, de 2009, Langacker destaca a questão da aparente incongruência dos verbos perfectivos (ativos) para referência ao tempo presente. Há, de fato, uma complexidade nesse caso, uma vez que o verbo perfectivo representa um processo limitado no escopo imediato de seu domínio de instanciação, que é o tempo; entretanto, a ocorrência de todas as etapas de um evento como ‘jogar’ (perfectivo) ultrapassa os limites do evento de fala, já que apresenta diferentes fases (balançar o braço, arremessar o projétil, etc.).

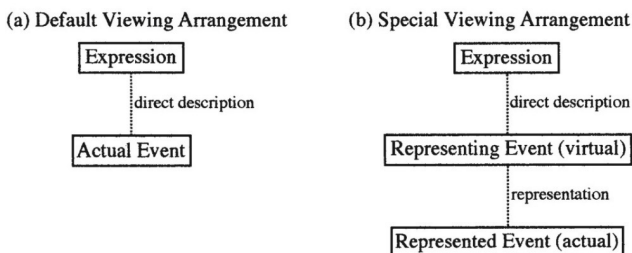
Como o uso do presente é dêitico, identificando o período de tempo relativo ao evento de fala, Langacker argumenta que a maioria dos eventos limitados não tem a mesma extensão do que o tempo gasto para proferir uma sentença. Assim, uma sentença como “Ele joga a bola” só poderia se referir deiticamente a uma das etapas da ação de jogar e, portanto, não seria adequada para descrever a ação completa. Sendo assim, o autor defende que há, nesses casos, um problema epistêmico, referente ao fato de que a descrição de um evento perfectivo não coincide com o momento preciso em que ele ocorre. Para verbos perfectivos, o

uso do presente progressivo (exemplo: “Ele está jogando a bola agora.”) é mais apropriado, já que se trata de uma estrutura com função imperfectivizadora (aspectual), indicando que o evento continua para além dos limites do evento de fala.

Tendo em vista que esses arranjos mudam constantemente para atender aos propósitos comunicativos dos conceptualizadores e às diferentes circunstâncias fictivas, Langacker propõe um esquema de visualização especial, mais elaborado do que o padrão, que não se refere apenas à observação e descrição de ocorrências reais. Sua orientação é a de que não há incoerência em um processo limitado coincidir com o evento de fala, desde que esse processo limitado seja de natureza epistêmica.

O arranjo de visualização especial envolve a diferença entre um evento representado (real) e um evento de representação (virtual). Nesse esquema, este último é descrito linguisticamente, mas toda a configuração que inclui o evento de representação e sua relação com o real faz parte do significado de uma expressão, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 2 - a) Arranjo de visualização padrão; (b) Arranjo de visualização especial



Fonte: Langacker (2009, p. 195).

A **Figura 2 (a)** indica arranjo de visualização padrão (*default*). Nesse arranjo, os interlocutores estão juntos em um local fixo, a partir do qual observam e descrevem eventos do mundo (exemplo: “A luz está acesa.”). A **Figura 2 (b)**, por sua vez, descreve o arranjo de visualização especial, em que não é a ocorrência real dos fatos que está sendo codificada linguisticamente, mas a ocorrência virtual, de natureza epistêmica.

A função semântica do tempo presente está a serviço, nesse caso, de uma imediatividade epistêmica, que não está associada à localização cronológica dos eventos reais, mas à certeza de sua ocorrência em termos de conceptualização da cena pelo falante (Langacker, 2001; 2009). Dentro dessa perspectiva, os usos não presentes do tempo presente são exemplos de ocorrências virtuais que coincidem com o tempo de fala. Por exemplo, o caso do futuro programado, que é expresso pelo verbo no presente, constitui um uso que se refere apenas indiretamente ao acontecimento; o verbo no presente evoca uma espécie de programação virtual sobre a ocorrência esperada e consiste em representações mentais de eventos antecipados, como em “O avião chega à tarde”, em que a frase descreve uma representação conceptual presente do evento real que se realizará no futuro.

No caso das manchetes jornalísticas, a escolha do presente se relaciona com a caracterização de um evento passado, conceptualizado como um fato novo pela realização do ato de fala de “noticiar”. Para fundamentar essa proposta, apresentaremos, brevemente, a visão cognitivista dos atos de fala, na seção a seguir.

3 Perspectivas cognitivistas dos atos de fala

Uma das abordagens pioneiras sob a perspectiva cognitivista dos atos de fala é a de Sophia Marmaridou (2000). A abordagem experiencial da autora nos possibilita compreender que os atos de fala são concebidos em termos de um modelo cognitivo idealizado que é socioculturalmente determinado. Nessa perspectiva, os verbos de atos de fala são considerados construtores espaciais, ou seja, eles criam um espaço no qual uma proposição é inscrita.¹ Na ausência de tais verbos, um enunciado é relativizado para tal espaço com base em uma situação discursiva determinada institucionalmente e pela função dos participantes na situação comunicativa. Assim também, as condições necessárias para a realização bem-sucedida de um ato de fala são relativizadas a práticas institucionais em espaços correspondentes.

Assim, Marmaridou define que o modelo cognitivo idealizado dos atos de fala se relaciona a elocuições associadas à ação. O conteúdo proposicional reflete a sua natureza dual: há um agente realizando uma ação que afeta um estado de coisas, e um destinatário cujo papel é estabelecido por convenções socioculturais e linguísticas, para o qual a enunciação é dirigida; há também um falante que se comunica com o seu ouvinte, orientado por objetivos estabelecidos por aspectos sociais e culturais.

Na esteira da proposta de Marmaridou, Langacker (2008) argumenta que os atos de fala são baseados em modelos culturais padrão, que são invocados como domínios cognitivos para vários fins linguísticos.

¹ A Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1985), serviu de base para a concepção do ato de fala como um construtor de espaço, dentro do qual uma proposição está inscrita. Com base nessa teoria, Marmaridou defende que essa percepção é fundamental para a compreensão da variabilidade da força ilocucionária dos enunciados, principalmente quando os verbos não fazem parte da sentença.

Na visão de Langacker, esses modelos culturais são considerados cenários familiares de interação social e linguística, representando as condições prévias necessárias ao desenvolvimento do ato de fala, incluindo os participantes, a própria ação e o resultado pretendido, as expectativas geradas pela sequência, a forma e o conteúdo das expressões linguísticas.

Diante desse modelo cognitivo abstraído, o cenário é um elemento fundamental para a compreensão do significado de um enunciado, e, portanto, uma cláusula por si só não constitui uma promessa ou qualquer outro ato de fala, apenas expressa uma proposição sem *status* epistêmico.

O que Langacker ressalta é que o entendimento de uma cláusula como uma promessa está relacionado à sua incorporação ao cenário de promessa, em que o falante efetivamente se compromete a realizar o evento: [Cenário de Promessa [eu estarei lá]]. É importante considerar que essa expressão recebe uma interpretação específica quando ocorre no contexto de um evento de uso real, envolvendo um orador específico que se compromete a realizar tal ocorrência: [Evento de uso [cenário de promessa [eu estarei lá]]].

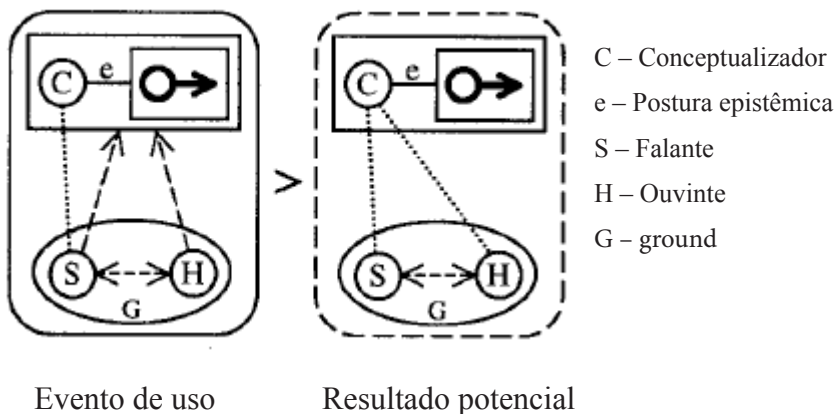
Segundo o autor, os três cenários básicos dos atos de fala são os de afirmar, ordenar e questionar; por conseguinte, as unidades convencionais em inglês especificam os seguintes pares de casos padrão com base em três tipos de cláusulas: [Cenário de declaração [Cláusula declarativa]], [Cenário de ordem [Cláusula imperativa]] e [Cenário de pergunta [Cláusula interrogativa]].

A **Figura 3** representa o cenário de declaração. A imagem evoca um evento de uso, no qual o falante declara uma cláusula finita; no topo, encontra-se a proposição expressa pela cláusula, em que o conceptualizador (C) adota uma postura epistêmica (e)

para a ocorrência perfilada. A linha de correspondência indica que o falante assume o papel de C e se inscreve na proposição; as setas tracejadas indicam o resultado pretendido, ou seja, a expectativa básica de que o ouvinte compreenderá a proposição.

Langacker afirma que as declarações especificam apenas a interação mínima entre falante e ouvinte, indicada pela seta dupla, em que os participantes apreendem um ao outro e prestam atenção ao que é declarado. O resultado potencial do evento de uso é que o ouvinte se identifique com o conceptualizador e se inscreva na proposição. Ainda sobre o cenário de declaração, o diagrama mostra que a afirmação é informativa, visto que o ouvinte não a subscreveu anteriormente (isto é, no evento de uso, não há ligação — linha pontilhada — entre o ouvinte e o conceptualizador).

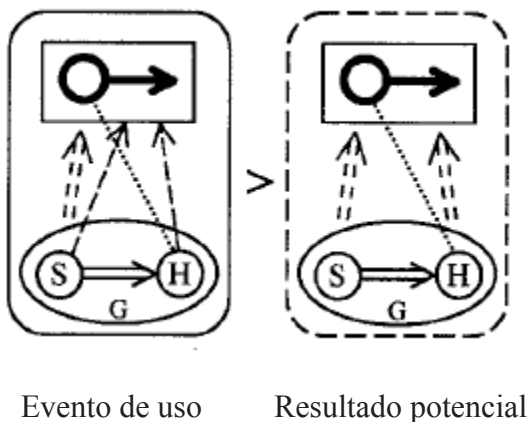
Figura 3 - Diagrama do cenário de declaração



Fonte: Langacker (2008, p. 474).

Quanto ao cenário de ordem, o conteúdo expresso não é considerado uma proposição, mas um processo. De modo diferente das declarações, que pertencem ao nível epistêmico, as ordens pertencem a ações efetivamente. O que ocorre nesse tipo de estrutura é que o falante adota a postura de tentar causar a ocorrência do evento, indicada na figura por uma seta dupla pontilhada. O ouvinte é submetido à força social e psicológica, representada pela seta dupla sólida, para compartilhar a intenção do falante e agir segundo as suas expectativas, como podemos observar na figura abaixo.

Figura 4 - Diagrama do cenário de ordem



Evento de uso

Resultado potencial

Fonte: Langacker (2008, p. 474).

Com base nesses cenários, é possível compreender melhor como os atos de fala se enquadram em determinados esquemas interativos, em que os participantes assumem papéis em virtude das características específicas do evento comunicativo e das expectativas do falante em relação ao destinatário, que, muitas

vezes, não estão explícitas na expressão linguística. Sendo assim, o entendimento de uma cláusula como um ato de fala decorre do conhecimento dos cenários e modelos culturais que são parte integrante do seu significado.

No caso do nosso objeto de estudo, o ato de dar a notícia integra os aspectos linguísticos, como as características morfosintáticas evidenciadas nas combinações temporais das manchetes e subtítulos, mas depende também dos aspectos discursivo-pragmáticos, que nos possibilitam compreender as diferentes facetas do ato de noticiar. Embora uma discussão mais detalhada do assunto fuja ao escopo do presente trabalho, as propostas de Marmaridou (2000) e Langacker (2008) sugerem que o ato de noticiar envolve tanto o cenário de declaração quanto o cenário de ordem, na medida em que o conteúdo expresso é uma proposição que leva potencialmente a um processo. Como ficará claro na análise, a seleção de aspectos linguísticos relacionados a escolhas temporais/aspectuais, em manchetes e subtítulos jornalísticos, está diretamente relacionada ao ato de fala de noticiar um fato novo ou noticiar a continuidade de um evento passado.

4 Metodologia

A pesquisa recorta, como objeto de estudo, o uso do presente em manchetes e subtítulos jornalísticos. Para isso, examina o contraste entre presente do indicativo e tempos de pretérito, simples e compostos, incluindo os pretéritos perfeito e imperfeito e o futuro do pretérito, para indicação de eventos passados.²

² O futuro do pretérito foi considerado tempo de pretérito, e não de futuro, como tradicionalmente classificado, por adotar um

Com relação ao banco de dados, organizou-se um *corpus* composto de manchetes dos jornais *on-line* **O Globo**, **Jornal do Brasil (JB)**, **Estadão** e **Folha de São Paulo**, selecionadas da primeira página das principais editorias.

A seleção foi realizada durante os cinco dias úteis da semana, entre os meses de março e julho de 2015, a fim de fazer um levantamento das principais escolhas temporais para apresentar a notícia. A coleta de dados evidenciou 287 manchetes e subtítulos, em que se observou o emprego do tempo presente e dos tempos pretéritos.

O objetivo é estabelecer as motivações conceptuais para cada tipo de uso, bem como verificar as estratégias discursivo-pragmáticas observadas nesses recursos iniciais de acesso à notícia.

A tabela, a seguir, demonstra as frequências de uso dos tempos verbais mencionados:

Tabela 1 – Usos de tempos verbais em manchetes

Totais de ocorrência de manchetes no presente e no passado			
Tempo presente	%	Tempo passado	%
249 / 287	87%	38 / 287	13%

Fonte: Soares (2019, p.85).

Com base na observação das escolhas temporais nas manchetes e subtítulos jornalísticos, a análise dos dados terá os seguintes objetivos:

(i) Investigar os mecanismos cognitivos associados ao uso do presente do indicativo para referência a eventos passados.

ponto de vista passado para indicação do futuro. Essa alteração de ponto de vista permite que o futuro do pretérito adquira uso particular no texto jornalístico, indicando distância epistêmica em relação a fatos passados (“Rebelião em presidio *teria sido* deflagrada por briga entre grupos rivais”).

(ii) Contrastar o uso do presente com usos do passado no mesmo contexto, a fim de estabelecer as motivações que estão por trás dessas escolhas.

Relacionadas aos objetivos acima, as hipóteses da pesquisa são as seguintes:

(i') O uso do presente para referência a eventos passados sinaliza processos cognitivos de natureza pragmática.

(ii') O contraste entre presente e passado reflete o ato de fala realizado e o *status* da notícia (nova ou dada) em termos de fluxo informacional.

As hipóteses descritas acima nortearam a análise dos dados, conforme será detalhado na seção a seguir.

5 Análise

As escolhas temporais nas manchetes e subtítulos de jornais *on-line* refletem processos cognitivos associados a aspectos pragmáticos e estratégias de focalização. Desse modo, as escolhas temporais particulares em manchetes e subtítulos perfilam facetas distintas do ato de fala de noticiar, de modo a destacar fatos novos ou informar sobre a continuidade de fatos noticiados anteriormente.

5.1 Noticiar um fato novo

Como vimos, Langacker (2009) argumenta que grande parte dos problemas que envolvem o uso do presente em circunstâncias particulares tem relação com a adoção de um arranjo de visualização padrão, que estabelece a ocorrência real do fato e a presença dos interlocutores em um local fixo como propriedades essenciais desse esquema, o que restringe a sua aplicação a algumas situações básicas.

Partindo do pressuposto de que as manchetes de jornais representam fatos ocorridos em um passado recente, consideramos que, nesse caso, a expressão linguística é a da sua representação virtual, em termos de apreensão mental do evento pelo conceptualizador, uma vez que não se trata da observação e descrição direta de uma ocorrência pelos participantes da cena. Vejamos os casos em que o presente é utilizado nas manchetes e subtítulos e quais os aspectos cognitivos e pragmáticos implicados nessa escolha temporal.

5.1.1 Manchetes no presente

Vimos que, quando se trata do presente do indicativo, há uma discussão a respeito da aparente incongruência do seu uso em situações consideradas não concomitantes ao evento de fala. A partir daí, fundamentamo-nos no conceito da imediaticidade epistêmica de Langacker (2001; 2009) para propor o conceito de imediaticidade pragmática. Enquanto a primeira aponta para um conteúdo epistêmico concomitante ao evento de fala, não associado à localização cronológica de eventos reais, mas

à certeza de sua ocorrência em termos de conceptualização da cena pelo falante, a segunda apontaria para a realização de um ato de fala, também concomitante ao evento de fala.

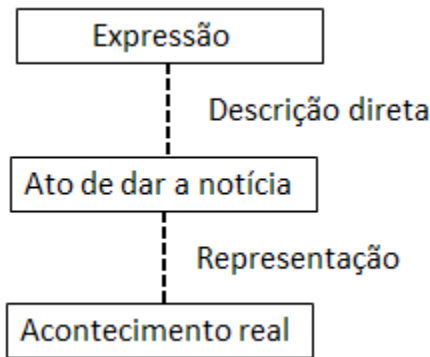
Quando analisamos as manchetes no presente, tempo verbal predominante nos jornais *on-line*, percebemos que, para além da conceptualização de uma cena, há o ato de dar a notícia de modo concomitante ao evento de fala. Assim, o tempo presente, nas manchetes de jornais *on-line*, pode ser compreendido como efeito de imediaticidade pragmática, no sentido de que só se realiza nesse contexto. O anúncio de uma notícia configura o cenário para que o seu uso se estabeleça como algo imediato ao evento de fala e seu significado seja equiparado à realização do ato de dar a notícia.

No caso das manchetes jornalísticas, a escolha do presente se relaciona com a caracterização de um evento passado, conceptualizado como um fato novo pela realização do ato de fala. Assim, reforçamos que a questão da coincidência temporal não faz sentido nesse caso, uma vez que se trata de uma proximidade pragmática, não da localização cronológica. Podemos, portanto, com base na definição de Langacker sobre o tempo presente, compreender que a instância do processo perfilado que ocorre e coincide precisamente com o momento da fala é a própria realização do ato de fala.

Para casos que fogem às situações padrão, Langacker lança mão de um arranjo de visualização especial, que envolve a diferença entre um evento representado (real) e um evento de representação (virtual). Para aplicar esse arranjo de visualização fictivo ao nosso objeto de estudo, podemos considerar o evento representado como o acontecimento real, já que as manchetes jornalísticas partem de situações verídicas, e o evento de

representação corresponderia à ocorrência virtual, ao ato de dar a notícia, descrito linguisticamente. Toda a configuração que envolve a sua representação, até chegar à realização do ato de fala, e a sua relação com o evento real constitui parte do seu significado. A figura abaixo representa essa adaptação do arranjo de visualização especial langackeriano para o nosso fenômeno em estudo. O produto final desse processo, a expressão linguística, indica a descrição direta da ocorrência virtual, e não do acontecimento real.

Figura 5 - Arranjo de visualização especial das manchetes jornalísticas



Fonte: Adaptado de Langacker (2009).

Diante de fenômenos como o uso do presente em manchetes jornalísticas, é necessário um esquema mais refinado que contemple os processos cognitivos e construções mentais, além da imediaticidade pragmática como parte do significado da ocorrência virtual.

5.1.2 Manchete e subtítulo no presente

No caso das manchetes e subtítulos no tempo presente, essa escolha temporal indica o ato de fala de noticiar um fato novo. A ocorrência virtual se refere à conceptualização de um evento passado, mas que se configura como a realização de um ato de fala coincidente com o evento comunicativo. A questão interessante a ser investigada se relaciona aos aspectos cognitivos e pragmáticos que estão por trás dessas escolhas temporais para dar a notícia ao leitor. Quais as razões para o uso do presente em relatos de ocorrências passadas? Vejamos as manchetes e subtítulos abaixo:

(1) “Bresser-Pereira defende criação de Conselho Cambial Nacional.

Ex-ministro apoia ajuste, mas critica política de juros.”
(**Jornal do Brasil**, 25/05/2015).

(2) “Coreia do Norte anuncia avanço no uso de armas nucleares.

Governo afirma que pode “miniaturizar” ogivas.” (**Jornal do Brasil**, 21/05/2015).

(3) “El já controla mais de 50% do território da Síria.

Segundo ONG que monitora conflito, grupo domina 95 mil quilômetros quadrados em 9 províncias sírias.” (**Estadão**, 21/05/2015).

Todas as manchetes acima empregam o tempo presente, o que indica a conceptualização do fato passado como uma

informação nova para o leitor. Os subtítulos também divulgam informações a respeito do evento principal no presente, mantendo o foco no ato de fala de noticiar.

Como podemos constatar nos exemplos acima, em (1), a manchete anuncia a defesa da criação de um Conselho Cambial Nacional, e o subtítulo nos oferece mais detalhes do posicionamento crítico do ex-ministro sobre a política de juros; em (2), o anúncio do avanço no uso de armas nucleares pela Coreia do Norte continua em evidência no subtítulo, que explicita os próximos investimentos do governo nessa área; e, em (3), o controle de mais 50% do território da Síria pelo grupo El permanece em foco no subtítulo, que focaliza o alcance do seu controle territorial sobre as províncias sírias.

Como podemos perceber, essa combinação temporal mantém o foco no ato de fala de noticiar. Portanto, o que ocorre em todos esses exemplos acima é a continuidade da apresentação da notícia no subtítulo.

5.2 Noticiar a continuidade de um fato já noticiado

Nossa pesquisa estabelece um contraste entre presente do indicativo e tempos de pretérito, simples e compostos, empregados para a indicação de eventos passados em manchetes e subtítulos jornalísticos. Observamos a maior frequência de uso do tempo presente, mas há circunstâncias em que os tempos de pretérito são mantidos. Isso ocorre quando o foco da notícia enfatiza o desenvolvimento de um fato já divulgado em manchetes anteriores, ou o assunto tratado faz parte do conhecimento de mundo compartilhado entre os leitores. Vejamos, a seguir, a análise desses casos.

5.2.1 Manchete e subtítulo no passado

O uso do pretérito nas manchetes indica que se noticia a continuidade de um fato previamente conhecido. A relevância informativa passa a ser o desdobramento desse acontecimento, ou o resultado de uma investigação ou análise estatística, com a pressuposição do conhecimento dos leitores sobre as informações de manchetes anteriores, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(4) “Oito presos por ataque a Malala foram absolvidos.

Paquistão havia dito que todos os acusados de balear a ativista tinham sido condenados.” (**Folha de São Paulo**, 04/06/2015).

(5) “Quase meio milhão de brasileiros perdeu o emprego em 3 meses.

Construção civil foi o setor que mais demitiu de fevereiro a abril deste ano, segundo pesquisa divulgada hoje pelo IBGE.” (**O Globo**, 03/06/2015).

(6) “Movimento ‘No a la baja’ definiu plebiscito feito no Uruguai sobre maioria penal.

Em 2011, 65% dos uruguaios defendiam a redução, mas a medida foi rejeitada em consulta pública.” (**O Globo**, 1º/06/2015).

No caso da manchete (4), a notícia revela a absolvição de oito acusados de praticar o atentado à menina paquistanesa; o pretérito é empregado para evidenciar o resultado de um evento

anunciado anteriormente. A novidade é a absolvição de todos os envolvidos no crime, seguido do subtítulo que reforça o discurso do Paquistão de que os acusados teriam sido condenados — outra indicação de que se trata do desenvolvimento de um fato acompanhado pelos leitores.

O pretérito noticia a continuidade de um evento já noticiado. O atentado sofrido por Malala havia sido divulgado anteriormente como informação nova com o verbo no tempo presente, como podemos constatar na manchete abaixo:

(7) “Talibã tenta matar menina que denunciava proibição de escola para mulheres.

Malala Yousafzai, de 14 anos, levou tiros na cabeça e no pescoço. Jovem denunciava na internet a proibição de educação para mulheres.” (**O Globo**, 10/10/2012).

O exemplo (7) revela que o atentado já poderia fazer parte do conhecimento prévio do leitor, o que justifica o uso do pretérito em (4).

Nota-se, ainda, que o emprego do pretérito na manchete (5) está relacionado ao resultado de uma análise estatística sobre um assunto já conhecido pelo leitor: o aumento da taxa de desemprego nos últimos três meses, atingindo, principalmente, o setor da construção civil; em (6), a manchete apresenta o resultado de um plebiscito sobre a maioria penal no Uruguai, e o subtítulo revela que o movimento reverteu a tendência observada anteriormente. Nesses casos, os acontecimentos em si não estão sendo divulgados como um fato novo, e a notícia se refere a detalhes relacionados ao que já foi noticiado.

5.2.2 Manchete no passado e subtítulo no presente

Nesse mesmo grupo temporal, há ainda as manchetes que são acompanhadas dos subtítulos no presente. Não foram encontrados muitos exemplos desse caso, mas a alteração temporal dessa combinação expressa um aspecto pragmático bem interessante, que é a sinalização de que o foco volta a ser o ato de dar a notícia. A mudança da manchete no pretérito, indicando um fato já noticiado, para o subtítulo no presente, expõe a inserção de novos elementos, atribuindo à notícia um *status* de novidade novamente.

(8) “Fraude em compra da PM de SP movimentou R\$ 10 mi em 2 anos.

Oficial diz ter agido por ordem de superiores.” (**Folha de São Paulo**, 30/05/2015).

(9) “Caso Fifa: J. Hawilla cobrou US\$ 30 milhões da Nike. ‘The Wall Street’ revela mais um caso de propina.” (**Jornal do Brasil**, 05/06/2015).

(10) “Remessas para Europa e China motivaram prisão de Zelada.

Ex-diretor da Área Internacional da Petrobrás é o quarto dirigente da estatal preso na Lava-jato.” (**O Globo**, 25/05/2015).

(11) “Cinco delatores já disseram que doação oficial era propina.

Produção de provas sobre desvios na Petrobrás avança.” (**O Globo**, 30/05/2015).

Nos exemplos acima, as manchetes divulgadas no pretérito evidenciam o desenvolvimento de eventos já noticiados; aspectos específicos desse desenvolvimento são retomados pelos subtítulos para noticiar novas informações. Em (8), o caso da fraude na compra da Polícia Militar em São Paulo, já noticiado, é retomado com a divulgação do valor da fraude, e o subtítulo noticia que o oficial envolvido no caso agiu com a conivência de seus superiores, o que compromete outros personagens; a manchete sobre o caso Fifa, em (9), informa a quantidade de dinheiro negociada entre J. Hawilla e a empresa Nike, mas o subtítulo noticia que o jornal **The Wall Street** tomou conhecimento dessa negociação e a revelou como mais um caso de propina; e os dois últimos exemplos destacam a apuração da Lava Jato: em (10), a manchete revela a causa da prisão de Zelada, que já havia sido noticiada, e, em (11), a confissão de cinco delatores, já de conhecimento público, é retomada na manchete para incluir a informação de que a doação oficial era propina; o subtítulo no presente noticia aspectos sobre o avanço dos acontecimentos que surgem com a delação dos envolvidos nos casos de corrupção.

As combinações temporais passado – passado e passado – presente se relacionam com a continuidade de um fato já noticiado. Assim, o uso do pretérito, tanto nas manchetes, quanto nos subtítulos, tem a função de retomada de um evento.

Considerações finais

Este artigo investigou escolhas temporais em manchetes e subtítulos jornalísticos, enfocando o uso do presente do indicativo e de tempos de pretérito para indicar eventos passados.

Para investigar as estruturas cognitivas associadas às manchetes e subtítulos jornalísticos, o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva — em especial, os principais conceitos referentes à Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008; 2009; 2016) — fundamentou a análise do fenômeno como o resultado de um processo de perspectivação conceptual e da realização do ato de fala de noticiar, concomitantemente ao evento de fala.

Com base no conceito de imediaticidade epistêmica e no arranjo de visualização especial de Langacker, desenvolvemos a proposta da imediaticidade pragmática. Aplicada ao *corpus* das manchetes e subtítulos jornalísticos, a ideia de que o ato de dar a notícia é concomitante ao evento de fala evidencia a atuação do aspecto pragmático associado a um processo de natureza cognitiva, no qual o significado é equiparado à conceptualização.

A adaptação do arranjo de visualização especial langackeriano nos possibilitou tratar nosso objeto de estudo como uma ocorrência virtual. Os acontecimentos relatados pelas manchetes são reais, mas é o evento de representação (o ato de dar a notícia) que é descrito linguisticamente.

Como vimos na análise, a alta frequência do tempo presente nos jornais, associada à conceptualização de um evento passado como um fato novo, aponta para uma imediaticidade pragmática, reforçando o argumento de que a instância do processo perfilado que ocorre e coincide precisamente com o momento da fala é a própria realização do ato de fala. Por outro lado, a análise evidenciou que o uso de tempos do pretérito nesses contextos restringe-se a casos, bem menos frequentes, de detalhamento de fatos já noticiados.

Ao investigar os aspectos cognitivos e pragmáticos que envolvem as escolhas temporais nas manchetes e subtítulos

jornalísticos, o presente trabalho contribui para a identificação das motivações conceptuais que atuam sobre escolhas temporais aparentemente incongruentes nesses contextos. Nesse sentido, a análise não apenas lança nova luz sobre o fenômeno investigado, como também descortina novos horizontes teóricos no âmbito da Gramática Cognitiva.

Referências

ESTADÃO. Disponível em: < <http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: mar.-abr. 2015.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge, MA: The MIT Press, 1985.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: mar.-abr. 2015.

JORNAL DO BRASIL. Disponível em: <www.jb.com.br/>. Acesso em: mar.-abr. 2015.

LANGACKER, R. The English present tense. **English Language and Linguistics**, Cambridge University Press, v. 5, n. 2, p. 251-272, 2001.

LANGACKER, R. **Cognitive grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. The English present: temporal coincidence vs. epistemic immediacy. In: LANGACKER, R. **Investigations in cognitive grammar**. (Cognitive linguistics research; 42). New York: Mouton de Gruyter Berlin, 2009. Cap. 7, p. 185-218.

LANGACKER, R. Linguistic construal and conceptual analysis.

In: WORKSHOP INTERNACIONAL DO LINC (Laboratório de Linguística Cognitiva), 1., 2016, Rio de Janeiro, UFRJ.

MARMARIDOU, S. **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

O GLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/>>. Acesso em: mar.-abr. 2015.

SOARES, Caroline. **Abordagem cognitivista dos usos do presente em manchetes e subtítulos jornalísticos**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.